

## Resenha de livro: perspectivas de sons e encantos da Ayahuasca<sup>1</sup>

Rosa Virgínia Melo<sup>2</sup>

Escrito por Beatriz Labate e Gustavo Pacheco o interessante livro de bolso é resultado de uma pesquisa realizada em diversos Estados do Brasil, entre os anos de 1991 e 2009, quando os autores frequentaram o Santo Daime (Alto Santo e CEFLURIS<sup>3</sup>) e a União do Vegetal (CEBUDV<sup>4</sup> e “dissidências”), duas das três matrizes religiosas do uso da ayahuasca no Brasil.

Prefaciado por José Jorge Carvalho, antropólogo e etnomusicólogo, o *Música brasileira de ayahuasca* é uma incursão pelo tema da música como ferramenta de análise das religiões ayahuasqueiras, e tem como objetivo oferecer uma visão panorâmica do contexto social desses grupos, inventivos criadores de tradições. Escrita em linguagem acessível a não iniciados nas ciências sociais, é uma obra que aponta de modo pulsante questões relevantes ao pensamento antropológico.

Lemos, como observado no prefácio, uma discussão que indica a íntima relação entre encantamento e poder, parte da expressão musical, e depurada na relação que através dela é estabelecida entre os adeptos.

No contexto estudado, quase sempre a música faz-se presente, cuja musa, aprendemos pelas pesquisas nos grupos ayahuasqueiros, é a própria bebida ingerida nos rituais que dela fazem uso. Como Polímnia, uma das nove filhas de Mnemosine, a ayahuasca é percebida no Santo Daime e na União do Vegetal como a musa dos hinos e chamadas sagrados.

### Sobre metodologia e ética

Antecede a discussão do material pesquisado uma expressiva nota a respeito da negociação da pesquisa com a “Comissão Científica” da UDV, órgão interno destinado ao diálogo com a comunidade acadêmica. Foram necessárias “sucessivas

---

<sup>1</sup> Resenha do livro: LABATE, Beatriz e PACHECO, Gustavo. *Música brasileira de ayahuasca*. Campinas, Mercado das Letras, 2009.

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia – UnB.

<sup>3</sup> Centro Eclético Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra.

<sup>4</sup> Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

etapas” onde modificações foram feitas, a fim de ajustar o texto ao que a instituição considera adequado. Mas, alegam os autores, sem deixar de exercer o “distanciamento e direito de autonomia” do pensamento. Segundo eles, poucos foram os casos de restrições impostas a dados ou interpretações.

O contexto da realização da pesquisa na União do Vegetal provoca uma súbita sensação de que a leitura será efetuada sobre um texto censurado. Tal, porém, não o destitui de interesse, muito pelo contrário, pois rico em situar problemáticas fecundas ao campo de pesquisa nas religiões da ayahuasca e suas relações com a “autoridade antropológica”. Outra sensação provocada pelo texto é que enquanto os pesquisadores tiveram uma relação tensa com a UDV, nada é dito da relação com o Santo Daime.

A importância desse parêntese no corpo do livro tem o valor de não silenciar um dado etnográfico fundamental, a condição de realização da pesquisa. As ponderações dos autores chamam o leitor para um exame da ética antropológica e as injunções do sagrado na perspectiva da fé religiosa. No meu entendimento, não se faz antropologia apenas de “comunhão cultural”, por isso os vínculos entre pesquisador e sujeito pesquisado requisitam a reflexão da dinâmica de nossa cosmologia, quem somos e como nos movemos (Duarte, 2004).

#### Santo Daime e União do Vegetal – diferenças em um mesmo campo

Os autores têm como dado fundamental da reflexão o uso da música, através do qual traçam paralelos entre os dois grupos e as fontes populares de inspiração aí presentes, como as matrizes religiosas da ayahuasca, sobretudo a cultura ayahuasqueira cabocla, os benditos do catolicismo popular e os “pontos” da umbanda.

O gênero e a moral patriarcal também são abordados na visão panorâmica empreendida, chamando atenção para as separação entre homens e mulheres no bailado do Santo Daime e entre mulheres virgens e não virgens. Na UDV destaca-se a primazia do sexo masculino no topo da hierarquia, como também a imprescindibilidade da família nuclear para se chegar nesse lugar institucional.

Das múltiplas entradas para reflexões teóricas, uma parece abarcar o panorama da obra: as diferenças no ethos das duas religiões ayahuasqueiras, expressas no modo de aprendizado e introjeção das respectivas doutrinas, elaboradas em espaços rituais

de tom e forma diversos: o bailado do Daime<sup>5</sup> e a efusão verbal da sessão udevista. O saber doutrinário no Daime – CEFLURIS parece, como designa a sigla, aberto à proliferação de influências a serem somadas de modo eclético; enquanto na UDV proliferam regras, o que pode ser pensado como parte da economia simbólica onde o limite ou o segredo expressam um valor constitutivo da sociedade iniciática, mas também aludem a um modo específico de lidar com a pluralidade de suas fontes simbólicas.

No Santo Daime “Padrinhos”, “Madrinhas”, e “fardados”, todos “recebem” os hinos do Astral, o que não impede a atribuição de prestígio diferenciado, movida pelo dom de receber essas expressões de música devocional, principal instrumento doutrinário do Daime. Versos cantados em ritmo de marcha, valsa ou mazurca são acompanhados de violão, acordeom, teclado, flauta, outros instrumentos de sopro e diversos instrumentos de percussão.

O conteúdo simbólico contido nos hinos dá forma à experiência mística dos adeptos sob efeito da bebida. O ritmo dos pés no chão é acompanhado pelo maracá, um escudo do daimista em sua batalha espiritual. Ouvido, cantado e ensaiado, presente no rito e no cotidiano, os hinos expressam o modo daimista de relacionar-se com os símbolos de sua religiosidade.

Na União do Vegetal as categorias hierárquicas nas quais são classificados seus membros marcam também o “recebimento” dos cântigos sagrados, as chamadas, realizadas *a capela* e quase exclusivamente no espaço ritual. O sentido das chamadas para o conhecimento doutrinário é objeto de “exame” por parte do adepto, que tem nesse procedimento ritual um instrumento de ascensão hierárquica. As chamadas são momentos curtos de alto teor efervescente e que, como as músicas reproduzidas em aparelho de CD, penetram um rito que tem o paradigma verbal como forma de socialização.

Níveis diversificados de ênfase na racionalidade pretendida por ambos os grupos é representado nos modos diversos de viver a experiência extática. Em decorrência disso está a diferença dos grupos na forma de valor atribuído ao bem, isto é, à musa inspiradora e suas criações, sejam elas música, narrativas e demais saberes sobre o mundo que perfazem as doutrinas.

---

<sup>5</sup> Há no Daime ritos de concentração, onde o silêncio é predominante, mas também cantam-se hinos.

Aprendemos com Labate e Pacheco um detalhe pouco conhecido da formação do rito do Daime, e que vem sendo abandonado, são as “diversões”, conjunto de 6 cantos deixados pelo Mestre Irineu, cantados sentado ou de pé, sob o toque de palmas, nos intervalos do trabalho de farda branca. Para os autores, a “diversão” e seu aspecto lúdico acentua um caráter atribuído ao bailado, o de romper fronteiras entre o profano e o sagrado.

Contudo, esse modo de situar o lúdico como festivo, e portanto profano, é controverso, pois visitantes não raro expressam desconforto sob a marcação estrita dos passos do bailado, assim como a obrigatoriedade de permanecerem no mesmo. Segundo MacRae “os movimentos dos participantes são rigidamente prescrevidos e uma das principais funções do ‘fiscal’ é assegurar obediência à postura recomendada”<sup>6</sup> (MacRae, 2006:398; ver também Couto, 2004).

Considero a noção de festa fecunda na análise dos ritos ayahuasqueiros, mas não no sentido da correspondência. Na festa, o compromisso e a finalidade não são valorizados porque o que está sendo enfatizado é o estar juntos e a licença do excesso (Perez, 2002). A rigidez do bailado, que por sinal é também considerado como um “trabalho”, priva a livre expressão da exaltação extática e cumula-a com presença de objetivos definidos, entre eles o controle do corpo, condição da performance.

A festividade suposta no rito sagrado traz a discussão a respeito da fronteira entre a demonização do uso recreativo de drogas em contraste com o uso religioso legitimado. Mas entendo que, se canto e palmas no intervalo do rito contém aspectos lúdicos, isso não o aproxima de uma recreação.

A atenção do adepto em ambas as cerimônias religiosas implica em foco na imagem sonora expressada, seja na música ou na palavra. A presença pervasiva do som musicalmente organizado nos ritos da ayahuasca pode ser pensada de acordo com seu poder de aliviar ansiedades provocadas pelo acesso à conteúdos desconhecidos, vividamente experimentados durante o efeito da bebida. Nesses casos, o estado de ansiedade pode dar lugar a um estado de alta sugestibilidade, de acordo com estudos do uso de música e a capacidade desta em modular as ações do cérebro quando sob os estados alterados de consciência (EAC) (Katz e Dobkin de Rios, 1971; Dobkin de Rios, 1972), capacidade também investigada no que toca o uso da palavra (Luna, 1995; Pelaez, 2004).

---

<sup>6</sup> Tradução minha.

É interessante notar que essa proposição analítica tem certa proximidade com o valor da palavra no discurso da União do Vegetal que em documento oficial declara: “... a Hoasca<sup>7</sup> obedece ao comando da colocação criteriosa das palavras, para a potencialização ou minimização de seus efeitos” (CEBUDV, 1989:57).

A música pode servir como moldura de discursos doutrinários, mas de acordo com o panorama aqui resenhado, não necessariamente restringe-se a essa dimensão, uma vez que a sensação sonora provoca estados emocionais caros à experiência transcendental que se move entre ordem cultural e subjetividade.

Para finalizar meus comentários acerca da publicação dos dois antropólogos sobre a temática da Música brasileira de ayahuasca, os estudos cognitivos dos EAC têm espaço pouco desbravado na antropologia brasileira. Nessa perspectiva é fundamental a ressalva dos autores à preeminência da abordagem do aspecto visionário da experiência, quando pouco se analisou a alteração da audição, e menos ainda a relação entre ambas as capacidades perceptivas.

#### Bibliografia

- CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). *Hoasca. Fundamentos e Objetivos*. Brasília, Centro de Memória e Documentação, 1989.
- COUTO, Fernando La Roque. “Santo Daime: rito da ordem” In LABATE, Beatriz C. e ARAÚJO, Wladimir S. (org.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 385-411.
- DOBKIN de RIOS, Marlene. *Visionary Vine: Hallucinogenic Healing in the Peruvian Amazon*. Prospect Heights, Waveland Press, 1972.
- DUARTE, Luiz F. Dias. “A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19, nº 055, 2004, pp 5-18.
- KATZ, Fred e DOBKIN de RIOS, Marlene. “Hallucinogenic Music: an analysis of the role of whistling in Peruvian ayahuasca healing sessions”. *Journal of American Folklore*, vol. 84, nº 333, 1971, pp. 320-327.
- LUNA, Luis Eduardo. *Ayahuasca em Cultos Urbanos Brasileiros. Estudo contrastivo de alguns aspectos do Centro Espírita e Obra de Caridade Príncipe Espadarte Reino da Paz (a Barquinha) e o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV)*. Trabalho apresentado para o concurso de Professor Adjunto em

---

<sup>7</sup> Os dois nomes comumente usados na UDV para referir-se ao chá são vegetal e Hoasca, este originado no mito de origem, a História da Hoasca.

Antropologia, Departamento de Ciências Sociais da UFSC. Florianópolis, 1995 (manuscrito).

MacRAE, Edward. “The religious uses of licit and illicit psychoactive substances in a branch of the Santo Daime religion” In: LABATE, Beatriz C. and MacRAE, Edward (orgs). *The light from the forest: the ritual use of ayahuasca in Brazil. Fieldwork in Religion*, vol. 2, nº 3, 2006, pp. 393-414 (publicado em 2008).

PELAEZ, Maria Cristina. “Santo Daime, transcendência e cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual” In LABATE, Beatriz C. e ARAÚJO, Wladimir S. (org.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 473-492.

PEREZ, Léa Freitas. “Antropologia das efervescências coletivas” In PASSOS, Mauro (org.) *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis, Editora Vozes, 2002, pp. 15-58.

Para citar este texto:

Melo, Rosa V. “Resenha de livro: perspectivas de sons encantos da Ayahuasca”. *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP)*, 2009. Disponível em: <http://www.neip.info>